

CAPÍTULO 4

ECONOMIA CRIATIVA, PANDEMIA E A RETOMADA

Desyrée Martins

RESUMO

O presente trabalho retrata como a economia criativa tem se consolidado, tornando-se um grande setor econômico, quebrando paradigmas de valorização dos modelos econômicos tradicionais de grandes empresas que, geralmente, não se comprometem a investir em pequenos negócios. Esses pequenos negócios serão incentivados pela economia criativa, que possui uma visão mais jovial e que conta, em especial, com a originalidade do empreendedor. Contando com originalidade e a capacidade de se reinventar, os brasileiros, cada vez mais, seja por necessidade ou não, tornam-se adeptos da economia criativa, elaborando ideias sustentáveis, modernas e inclusivas. O artigo propõe soluções para a recuperação do setor e daqueles que dependem dele em sua retomada, reafirmando a importância de sua existência para toda a sociedade, servindo como aporte financeiro e cultural, gerando empregos a partir de uma visão sustentável e reflexiva.

Palavras-chave: Economia criativa. Sustentabilidade. Coronavírus.

INTRODUÇÃO

A economia nada mais é que a análise da produção, distribuição e consumo de produtos e serviços. Entende-se, também, que ela é como uma ciência social que estuda o comportamento humano com suas necessidades e desejos, analisando a forma através da qual os recursos são produzidos e combinados para produzirem bens capazes de solucionar problemas ou simplesmente satisfazer as necessidades existentes do homem. Desde sempre a economia foi fator principal para o desenvolvimento coletivo e individual de uma região, estado ou país, e para o entendimento de uma sociedade. Além de ter o poder de elevar ou rebaixar um país em seu desenvolvimento humanitário e monetário, a economia se torna assunto-chave central para discussões entre líderes de estado pelo fato de ser tão negligenciada e banalizada.

Em sua maioria, para leigos sobre o estudo, a economia é vista apenas como o estudo científico de investimentos e finanças de um mercado, produto e serviço, quando na verdade é muito mais do que isso. Ela está presente diariamente na vida da sociedade, uma vez que estuda o comportamento cotidiano das pessoas, desde escolhas básicas do dia a dia como a escolha de roupas, a escolha de um prato de comida específico, entre outros, até os desejos insaciáveis

do homem, que se tornam cada vez maiores e ilimitados para produtos e serviços que são limitados.

É interessante entender que a política e a economia andam juntas nesse processo e até mesmo existe uma subárea dentro da ciência econômica que trabalha essa economia política que estuda as relações socioeconômicas. São esses indicadores econômicos que influenciarão resultados como a evolução ou o retrocesso do PIB (Produto Interno Bruto), taxas de desemprego de uma região ou país, inflação, câmbio e entre outras coisas que se tornam uma espécie de termômetro para entender a vida de um governante e sua política administrativa, uma vez que, ações governamentais têm grande impacto econômico para o desenvolvimento. Administrar uma boa economia é melhorar a imagem como governante e como político, assim como ações precipitadas podem derrubá-lo. Quando discorremos sobre a política econômica, é indispensável pensar sobre desenvolvimento econômico, como citado acima, sobre desenvolvimento do PIB e entre outros. Logo, é importante que um governante deposite cargas incentivadoras nas instituições do país, sendo fundamental entender como o mercado funciona e como essas instituições serão a resposta para a dinâmica de uma nação.

No caso do Brasil, a história da economia no país pode ser estudada através de seus diversos ciclos econômicos já vivenciados. Por exemplo, o ciclo do pau-brasil: o primeiro mercado a ser explorado na América pelos portugueses e marca a primeira vez em que acontecia o desmatamento no Brasil, uma vez que era comum a prática do escambo, nomenclatura dada às trocas realizadas entre os nativos e os portugueses. Além disso, houve a massificação da extração de madeira: a árvore era utilizada para produção de utensílios, instrumentos musicais e de seu corante. Já o ciclo do ouro contou com a busca e exploração de pedras preciosas e resultou na troca da capital do país, anteriormente Salvador, para o Rio de Janeiro, afinal, o interior do país acumulava muita riqueza, e o controle da saída dessas pedras seriam melhor observadas no litoral. Ademais, pode-se ressaltar o ciclo de cana-de-açúcar, que surgiu com a quase extinção do pau-brasil, por meio da ajuda dos holandeses para a expansão logística. Tal período durou mais de um século e ajudou significativamente na economia colonial. E ainda é possível citar o ciclo do café, o qual foi responsável pelo impulso da economia brasileira no século XIX, ficando marcado com o intenso desenvolvimento do país, responsável pela expansão das estradas de ferro, atração de imigrantes europeus, além de impulsionar o avanço da industrialização.

Atualmente, a economia é diversificada e abrange os três setores: primário, secundário e terciário. Há bastante tempo, o país deixou a monocultura ou um único tipo de direcionamento específico para um setor da indústria, para basear sua economia em produção agrícola, o que fez o país se tornar um dos maiores exportadores de soja, frango e suco de laranja no mundo todo,

além de assegurar sua liderança na produção de cana e açúcares, celulose e frutas tropicais. Além disso, o Brasil é um dos principais produtores de petróleo em águas profundas no mundo. Segundo uma pesquisa feita pelo IBGE em 2020, entende-se que a maior parte da população economicamente ativa do Brasil, 59%, encontra-se no setor terciário. Isso significa que a grande maioria das pessoas só conseguem emprego no setor de comércio e serviços. É necessário observar que uma população como a nação brasileira precisa, diariamente, se reinventar e buscar alternativas para se destacar minimamente de sua concorrência. Além disso, é preciso entender o processo econômico do país, que começa no comércio simples, na venda de produtos ou serviços, muitas vezes inovadores, chamando atenção para sua economia criativa.

A ECONOMIA CRIATIVA

Entende-se como conceito de economia criativa aqueles empreendedores que pensam fora da caixa, que inovam e buscam dar novos ares e perfis para mercadorias, marcas ou produtos já existentes ou até mesmo criações originais. Esses empreendedores são capazes de visualizar vantagens lucrativas e investir em determinados grupos econômicos, os quais grandes companhias não se interessam por se tratar de um empreendedorismo de pequeno porte. O termo foi definido pelo professor inglês John Howkins, em seu livro *The Creative Economy*. Um exemplo simples de como funciona a economia criativa é a plataforma 'Queremos!', responsável pela organização de shows de pequenas bandas. A equipe por trás da plataforma enxergou que, por mais que fossem bandas de pequeno alcance e sem nenhum estímulo comercial ou público, havia pessoas suficientes que compartilhavam um forte sentimento por aqueles artistas, o suficiente para lotarem uma casa de show e se tornarem lucrativas. Dessa forma, a economia criativa vem tomando espaço e melhorando o desempenho nos tradicionais setores econômicos, que constantemente passam por crises, altos e baixos.

Desde 2001, quando surgiu na Austrália, a economia criativa se destacou por ser uma área de grande crescimento e procura. Hoje, a maioria dos países investe nela. Em uma pesquisa feita em 2015, países como o Reino Unido mostraram que os empregos criativos cresceram em 2,8 milhões em 2014, para 2,9 milhões em 2015, contando, assim, com um aumento de 5%, 3% maior do que a economia geral de empregos para os britânicos, que foi de 2% no mesmo período. Com esse claro exemplo, entende-se que mais países buscaram estender e investir nesse novo tipo de economia. Com isso, ela ganhou força e apoio da ONU (Organização das Nações Unidas), por ser uma área poderosa de transformação, além de ter se consolidada, hoje,

como uma das áreas mais rentáveis de um país, crescendo de forma promissora em relação às demais.

Ao longo dos últimos 20 anos, o surgimento de serviços, plataformas e produtos que unem a criatividade e a lucratividade se complementam e ampliam as possibilidades de novas criações. A economia criativa abrange quatro áreas, sendo elas: consumo, mídias, cultura e tecnologia. Esses segmentos são bem utilizados em conjunto, principalmente por pequenas e médias empresas, apesar das grandes firmas adotarem certas ferramentas e práticas voltadas para a inovação. Vivemos hoje uma era cada vez mais marcada pela criatividade, em especial pelos pequenos empreendedores e pela quebra de padrões que foram, um dia, pré-estabelecidos. Tudo isso contribui para que a economia criativa seja vista como a economia do século XXI.

Portanto, pode-se concluir que esse ramo permite que um país gere valor econômico por meio de inovações criativas, culturais e tecnológicas. Logo, se a tradicionalíssima economia vive de *commodities* — produtos que funcionam como matéria-prima, produzidos em escala e que podem ser estocados sem perda de qualidade — a economia criativa é movida por inovações e ideias. Assim, investir nessas ideias é contribuir diretamente para o desenvolvimento de uma sociedade mais sustentável e mais preocupada com o futuro. Essa preocupação com o amanhã é o que, justamente, deve ser buscado pelos chefes de Estado, uma vez que, quanto maior a cobrança, mais empresas buscarão dar atenção à sustentabilidade, e novos modelos de negócio surgirão. Dessa maneira, mais empresas trabalham com um novo tipo de matéria-prima que, ao perecer, se inova, se multiplica, se compartilha. Essas matérias-primas são a criatividade, o conhecimento e a cultura.

Na economia criativa, é possível, sim, pensar em novas soluções econômicas que levam em consideração a sustentabilidade, como o espaço. Tomemos como exemplo, assim, a área de *design* e arquitetura, que vem se destacando no campo da sustentabilidade e da criatividade econômica. Essas inovações no meio da arquitetura e *design* se dão através da construção de edifícios que aproveitam o máximo do uso de luz solar, visando a redução de gastos de energia. Também faz parte do planejamento dessas construções o uso sustentável da água da chuva para sua reutilização e climatização natural. Foram alternativas como essas que elevaram o uso de energias sustentáveis no meio urbano e ainda ajudam a estimular a movimentação de novos setores.

Assim como no campo do espaço, o consumo consciente se torna uma solução econômica-sustentável, uma vez que a exploração e o consumismo extremo da natureza sempre foram predominantes e ela tenta romper esse ciclo, incentivando a reutilização de produtos que antes não pareceriam bons para reutilização ou até mesmo inúteis para uso, porém não são. Um

exemplo dessa solução pode ser encontrado no Shopping Eldorado, localizado em São Paulo, que reutiliza o material orgânico de sua praça de alimentação para manutenção de uma horta, localizada no telhado do shopping.

Além das duas soluções citadas, existe ainda a ideia do compartilhamento. Compartilhar um espaço ou objeto, conecta-se com a economia criativa. Do ponto de vista comunitário, é importante pensar em soluções que podem ser feitas coletivamente como a troca de algo, um investimento, escritório compartilhado ou caronas solidárias, como o BlaBlaCar. Essa plataforma permite que pessoas que estejam interessadas em dividir um custo de passagem para certa região e pessoas dispostas a darem caronas em troca de algo se encontrem, conseguindo diminuir o impacto no mundo, reduzindo o gasto de combustíveis e a poluição do ar, de forma criativa e segura. Outras maneiras sustentáveis também podem ser pensadas com o intuito de pensar no futuro e desenvolvimento adequado do meio ambiente dentro de um universo inovador.

Entender que a economia criativa está presente no dia a dia da população, desde sua ida ao mercado, ambiente de trabalho ou a caminho da instituição escolar do seu filho, é entender como esse novo segmento de economia é um promissor gerador de empregos. Seja com o audiovisual, material abstrato, cultural, entre outros, a criatividade exala originalidade e cada vez mais conquista um público mais interessado em criar seu próprio conteúdo e abrir um novo comércio, por exemplo, gerando emprego para um público cada vez mais jovem, criativo e independente. É entender que a transformação de algo pequeno, quando pensado e bem administrado, é capaz de levar ao grande, ao poderoso e ao destaque.

No Brasil, é perceptível que o país busca e vem conquistando um espaço na economia criativa na mesma proporção que se percebe que o país oferece algumas vantagens e oportunidades significativas para a economia diversificada criativa. Apesar do Brasil ter desvantagens bastantes significativas que são extremamente negativas para o país e seu desenvolvimento criativo, como o racismo estrutural e barreiras sociais que impedem o acesso de talentos promissores na economia criativa, o país tem um positivo histórico de produzir conteúdo, histórias culturais diversificadas e mundialmente significativas, com formas e estilos distintos. Todos esses fatores se unem a uma forte marca cultural que gera interesse e simpatia em nível mundial, além de uma extensa população, jovem e diversa.

Quando pensamos no público dono do próprio negócio, que está associado, de alguma maneira, à responsabilidade administrativa de uma pequena ou média empresa ou de um público jovem brasileiro, pensamos instantaneamente em como é exigido, cotidianamente, que o brasileiro se reinvente e repense sobre suas ofertas de venda, sobre seus investimentos e interesses. O mercado do comércio brasileiro é um ótimo exemplo disso e chama atenção por

seu público dono do próprio negócio ser formado majoritariamente por mulheres e jovens empreendedores. O foco do Brasil deve ser voltado a oferecer apoio para que os empreendedores criativos possam desenvolver mecanismos que incentivem uma economia criativa confiável, inclusiva e diversificada, além de beneficiar o país de forma político-econômica . O Brasil se encontra bem-posicionado para expandir sua economia criativa, pois tem uma grande relevância em sua área de mídia, moda e cultura, recebendo destaque mundial por carregar consigo vozes, histórias e ideias talentosas distribuídas por todo território, e conseguir destaque em gerar experiências culturais inigualáveis.

O Brasil se encontra, durante muitos anos, em um momento instável da sua economia. Retrocessos, altos e baixos e esse modelo oscilante diz muito sobre a sociedade brasileira, uma vez que ela precisa gerar, constantemente, novos conteúdos para se ver livre, mesmo que por curtos momentos, de situações inseguras. Os setores criativos são uma das principais histórias de sucesso global dos últimos 30 anos. Suas características, muito bem observadas na população brasileira são: crescimento elevado, resiliência durante períodos de retração econômica, elevada demanda de mão de obra e alta capacitação e ainda assim, quando formalizados como, de fato, um negócio estabilizado, geram maior remuneração e chances de trabalho mais qualificadas do que os demais setores de serviços.

Além disso, as ideias, que surgem de forma original e criativa, podem ser transformadoras ao gerar importante impacto em seus setores, como ocorre com a área de turismo no Brasil, que vem inovando e gerando originais e diversificadas ideias, atraindo atividades e ofertas para um turismo cultural de lucro mais elevado. O Brasil é bem associado, talvez mais do que qualquer outro lugar do mundo, por sua produção criativa e cultural, apoiada pela população digital, diversa e nova que confia e valoriza os setores criativos como plano de carreira válido, gerando até forte posicionamento global, de forma eficaz, potente e competitiva.

No Brasil, a economia criativa vem se tornando uma prioridade política para o desenvolvimento territorial. Apoiar as expressões culturais diversificadas é posicionar a economia criativa como estímulo de inclusão. A falta de investimentos do governo federal em pilares essenciais da sociedade de um país que conta com tamanho analfabetismo e gigantesca desigualdade na educação formal e na força de trabalho é extremamente evidente, assim como a extrema e bruta violência que se tornou uma realidade para muitos. Uma vez que as pessoas, pertencentes às diferentes classes sociais, tiverem o mesmo nível de oportunidade e acesso à educação cultural, participação em atividades culturais e à mesma chance de emprego em setores criativos, será possível obter maior destaque no que diz respeito ao desenvolvimento socioeconômico. Logo, entende-se que qualquer mudança na economia criativa do Brasil será

uma consequência da inclusão de homens, mulheres e jovens empreendedores, que terão a chance de mostrar o seu talento e criatividade a um público dimensional, movimentando, assim, a economia.

No Brasil, a economia criativa necessita de preparo e formalidade. Apesar de uma alta taxa de formalidade, os profissionais criativos tendem ser altamente qualificados, até mais do que profissionais de outros setores. Porém, por uma carência em estudo gestacional, administrativo e até mesmo a falta de habilidades empreendedoras prejudica a abertura de novos planos de ofertas, abertura de um negócio etc. De acordo com a Sebrae, 60% das empresas fecham dentro de um período de 5 anos, após serem abertas. Consequentemente, pessoas que buscam empreender têm de superar barreiras para conseguir lançar um negócio bem-sucedido. Por sua vez, esse êxito gera um tipo de mecanismo significativo de treinamento, já que a população entende a complexidade de abrir um negócio e a competitividade que estimula a criatividade e talento dessas pessoas.

Segundo uma pesquisa concluída a alguns anos atrás, os setores de mídia ajudaram significativamente o desenvolvimento da economia criativa no país. Serviços como o audiovisual, precisamente a ANCINE e o Fundo do Setor Audiovisual lançaram programas públicos para o setor no valor de 600 milhões para empresas que trabalham no setor audiovisual. Além disso, foram disponibilizados oito milhões em projetos audiovisuais apresentados por jovens de comunidades periféricas. A partir dessa pesquisa, foi possível entender que o setor audiovisual teve um aumento de 65,8% entre 2007 e 2013, com uma expansão contínua de aumento de 8,8% no ano durante o período. Logo, trata-se de um crescimento significativamente maior do que a média da economia brasileira.

Além disso, em 2013, o setor contribuiu com 0,54% para a economia brasileira, o que foi uma grande vantagem, assim como em 2014, quando apenas o audiovisual gerou R\$ 24,5 bilhões. Ainda assim, o saldo positivo do setor audiovisual vem crescendo de forma promissora ao longo dos anos, como até o final do ano de 2016, que havia 3.168 salas de cinema no país, sendo 99,6% delas digitais. No mesmo ano, o Brasil quebrou um novo recorde ao lançar 143 filmes brasileiros nos cinemas, além de ter fechado o ano de 2015 ocupando a oitava posição entre os maiores mercados de cinema no mundo, com 173 milhões de ingressos vendidos, registrando R\$ 2 bilhões com o público de 183,4 milhões nos filmes nacionais.

Além do setor audiovisual, a música e suas plataformas de *streaming* ajudavam e davam indícios promissores de seu alcance. Ademais, o Brasil também se encontra entre os países que mais recebe show nacionais e internacionais do mundo, sendo o segundo país latino-americano, ficando atrás apenas do México. Festivais e o desenvolvimento musical ao longo dos anos

apontavam, desde muito cedo, o bom caminho nas plataformas de streaming, já que ainda em 2013, quando não existia todo o amparo desenvolvido da tecnologia, essas plataformas já geravam lucro de R\$ 357 milhões.

O editorial do Brasil chama bastante atenção também. Em um país com 11,8 milhões de pessoas analfabetas, a *Publishers Brazil* estimou em 400 o número de editoras. Na pesquisa, alguns anos atrás, ainda é citado que no Brasil existem 3.095 livrarias. Entretanto, desde o período em que a pesquisa foi feita, a digitalização já vinha modificando o funcionamento do mercado de venda, oferta e consumo de livros. Em pesquisas anteriores era possível entender como o Brasil estava atrás de países desenvolvidos em relação à leitura de livros anuais. Enquanto um brasileiro lia, em média, apenas 1 livro por ano, pessoas de países desenvolvidos liam 20. Logo, entende-se que, mesmo em uma pesquisa não atual, a falta de investimento do Brasil em pilares essenciais, citados anteriormente no texto, prejudica diretamente na economia do país.

A ECONOMIA E O CORONAVÍRUS

Com a chegada de 2020 e a abertura de uma nova década, o mundo foi pego de surpresa com uma, até então, nunca vista doença letal que estava prestes a mexer com todo o sistema de um país e modificar seu setor econômico, desafiando todos os chefes de estados que precisariam trabalhar arduamente para manterem suas economias estáveis, sem precisar modificar sua estrutura trabalhista e social.

Do início de janeiro a meados de março, quando os primeiros casos começaram a aparecer no mundo todo, assim como no Brasil, já era possível entender a real preocupação dos países em relação a sua economia, posto que a grande demanda de aparições da doença, somada à incessante entrada de pessoas em hospitais, serviram como alarmes e mostraram como era importante isolar o máximo possível a população, reduzindo drasticamente a circulação de pessoas nas ruas, em prol de um bem maior e da proteção da sociedade, parando conseqüente qualquer tipo de comércio externo que exigia contato físico entre pessoas, o que atingiu duramente o setor econômico.

Como citado anteriormente, o ano de 2020 foi desafiador para todos os países, não apenas para saber lidar com a grande demanda de pessoas nos hospitais, o que desafiava os sistemas de saúde, mas também aprendendo a lidar com uma doença letal até então desconhecida. Além disso, a pandemia colocou em risco a economia de diversos países, exigindo maior preocupação e capacitação dos governos e chefes de Estado.

Segundo Gama (2020), uma pesquisa realizada pelo Observatório da Economia Criativa

da Bahia em setembro de 2020 apontou que o setor criativo foi severamente afetado, já que sua maior parte conta com segmentos artísticos e culturais, dependendo diretamente do encontro de pessoas e de espaços fechados, ou seja, de alguma forma necessitam de aglomeração em sua cadeia produtiva.

A economia criativa abrange criação, produção e distribuição de bens de serviços que usam criatividade e cultura. Com a chegada inesperada da pandemia, muitas pessoas perderam seus empregos formais e suas maiores fontes de renda, colocando em uma situação complicada a maioria da população que depende, diariamente, do seu pagamento. Logo, entende-se que muitas pessoas foram, praticamente, obrigadas a desenvolverem, buscarem alternativas e novos projetos como novas rendas informais que serviriam para sustento de uma família. Ainda sobre a pesquisa supracitada, parte das pessoas que perderam seus empregos buscaram investir na criação de projetos nunca adotados por eles.

No Brasil não foi diferente. Inclusive, durante muito tempo, basicamente durante todo o ano o país ficou em segundo lugar — ficando atrás apenas dos Estados Unidos — em números de novos casos e mortes, tendo alcançado números estrondosos como um total de cinco milhões de pessoas infectadas até o presente momento. Com a iniciativa mundial sobre o distanciamento social, foi necessário que todos os setores não essenciais parassem, atingindo a economia de forma alarmante, visto que todos os países e setores de exportação, importação, fronteiras e movimentos globais pararam.

Não só por causa da pandemia, mas as novas gerações e novas tecnologias sofreram uma forma de *upgrade* e começaram a investir, refletindo sobre abrir seu próprio negócio. Antes, era difícil botar em prática uma ideia ou projeto, por ser custo entrar de forma independente em um mercado de trabalho e abrir seu próprio negócio. Hoje com o avanço da tecnologia, as principais plataformas digitais, como *Instagram* e *Facebook*, disponibilizam ferramentas dentro de suas plataformas especializadas para negócios próprios, permitindo que, principalmente, a geração mais jovem busque seu espaço e compartilhe seu talento criativo, cultural, conceitual e de qualidade. Essas novas ferramentas ajudaram bastante o setor de economia criativa individual de cada cidadão. Muitas pessoas se viram perdidas em meio a uma pandemia, por perderem seus empregos formais e fontes de renda, portanto tiveram que projetar novas ideias para manobrar, de alguma forma, a falta de renda e, com essas ferramentas, o compartilhamento de novas ideias teve um grande acesso para a comunidade em um todo. Logo, isso facilitou e ajudou a população que se encontrava imersa a uma situação nunca vivida.

A maior ajuda que a população, mesmo gerando uma nova fonte de energia, precisou para se sustentar por completo foi o chamado auxílio emergencial. Algumas organizações relataram

que o utilizaram para auxiliar no que diz respeito à desoneração tributária, apoio de manutenção, incluindo suspensão de contas e apoio para o pagamento de funcionários. Também como apoio, foi aprovada em junho a Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc. Porém, só foi possível a aprovação dessa lei depois da mobilização artística do país que se uniu para lutar por seus direitos, uma vez que a área artística, além de fonte de renda de muitas pessoas, é uma enorme fonte de auxílio para a economia do país. A pesquisa ainda indica não só a necessidade de recursos financeiros, mas a expectativa de que os órgãos públicos trabalhem como consultores, que busariam reorganizar o setor.

É importante citar a relevância de políticas públicas de apoio a serem pensadas e construídas ouvindo incansavelmente o setor. Logo, conclui-se que o setor geral da economia criativa, que dava esperanças de boa conduta para o ano de 2020, foi bastante afetado por conta do novo Coronavírus. Ela sofreu com quedas de faturamento, principalmente em áreas onde exigiam da presença física do funcionário e seu contato pessoal e para muitas pessoas não é possível gerar renda de maneira não-presencial. Também é interessante citar que o maior desafio do país é organizar a proteção da população, impedindo-a de sair e ter contato físico com outras pessoas, para que assim haja uma preservação da saúde pública. Além disso, é fundamental também não permitir que sua economia caia sem que haja um controle de observação, funcionando como uma balança em equilíbrio que quando tirada de um lado, influencia diretamente o outro e vice-versa.

Apesar de estar enfrentando uma pandemia durante o momento atual, o setor de economia criativa do Brasil vem ocorrendo e tem evidenciado mais ainda a importância do segmento, com capacidade de manter ou aumentar a produção, até mesmo durante períodos de crise como esses, vividos nos últimos meses. Dados do FIRJAM indicam que o setor de economia criativa no país contribui diretamente para aproximadamente 2,6% do PIB nacional e é responsável por 1,8% do total de empregos do país.

A RECUPERAÇÃO DA ECONOMIA CRIATIVA NO BRASIL

A partir do momento que não é possível entender o futuro e traçar novas perspectivas, tendo em vista que, se tem algo necessário a fazer e o Brasil não respeita, não há previsão para o fim da pandemia sem uma futura vacina, o que pode acabar gerando uma conduta precipitada sobre o futuro econômico.

O que se entende como uma das principais importâncias durante o período após pandemia é a importância de criar iniciativas que propõem a retomada econômica e buscar contornos

melhores do que os atuais cenários durante o período pré-pandêmico. Por meio de pesquisas, para aproximadamente 43%, a economia que abrange também a economia criativa do país só vai se recuperar dois anos após a pandemia.

A população precisa do apoio do governo nesse momento, em virtude de que vai ser com seu auxílio que os setores e a sociedade vão conseguir retomar suas posições e, conseqüentemente, voltar a movimentar a economia do país. Isso inclui toda a área comunicativa, cultural, artística e digital do país, sendo eles os principais pilares da economia criativa. É importante citar que muitas pessoas que não perderam seus empregos, apenas foram descontadas de suas cargas horárias e trabalharam estando em casa, pela modalidade conhecida como *home office*, pretendem aderir essa iniciativa até mesmo após o término da pandemia global.

Pessoas que encontraram formas de gerar renda e foram bem-sucedidas também pretendem continuar trabalhando com aquilo que criam e pensaram por originalidade. Divulgando o seu novo trabalho por meio digital, como peças de teatros por *lives*, shows de música, abertura de confeitarias ou utensílios feitos à mão.

No momento, o papel do governo é permitir que esses setores voltem sem muitos problemas após tanto tempo parado. Passar segurança para o público visitando uma peça de teatro ou um show de música são exemplos, seguindo todos os protocolos de limpeza e suporte para os setores.

Além disso, é importante que haja o apoio a grandes empresas com a desoneração tributária e maleável e comunicativo debate sobre suspensão de contas de custeio do estabelecimento. A disponibilidade de bolsas, promoções, vagas de emprego, manutenção das organizações e apoio para pagamentos de funcionários, auxílio emergencial, ofertas de linhas de crédito também entram no plano de eficácia. Além de fornecer apoio aos principais setores da economia criativa do Brasil por meio da liberação de recursos de fundos culturais e setoriais.

Para servir como lembrete, a economia criativa move o país e sua economia, e é importante dar valor e cultivá-la, cabendo ao governo propagar a imagem desse setor para que a população o abrace e perceba sua importância e como está envolvida completamente nesse setor, com segmentos que, talvez, a maioria das pessoas não reconhecem como economia ou como um dos principais pilares da economia, ou ainda que fazem parte de um setor tão importante para o país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que o Brasil conta com o apoio da economia criativa para progredir com a maior parte de sua economia, e que mesmo vivendo uma crise ou, até mesmo, uma pandemia

global, esse setor não perde tanta força e, muitas vezes, serve como suporte para o país. A economia criativa se renova, diariamente com as novas tecnologias e dias futuros, culturas que mudam de acordo com a contemporaneidade e a música que retrata a realidade. Ela é essencial no Brasil e deve ser tratada com prioridade, não só pelo governo, mas também pela população.

REFERÊNCIAS

FLEMING, Tom. A Economia Criativa Brasileira. [S. /]: British Council, 2018. Disponível em: https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/brasil_economia_criativa_online2-fg.pdf. Acesso em: 28 de dezembro de 2021.

BEZERRA, Juliana. Economia do Brasil. Toda Matéria, 2018. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/economia-no-brasil/amp/>. Acesso em: 03 de janeiro de 2022.

ECONOMIA criativa sente impacto. Diário do Comércio, 2020. Disponível em: <https://diariodocomercio.com.br/negocios/economia-criativa-sente-os-impactos-da-pandemia-do-novo-coronavirus/>. Acesso em: 28 de dezembro de 2021.

VASCONCELOS, Gabriella. O impacto da COVID-19 na economia criativa. NUBE, 2020. Disponível em: <https://www.nube.com.br/blog/2020/09/29/o-impacto-da-covid-19-na-economia-criativa>. Acesso em: 28 de dezembro de 2021.

GAMA, Daniele da. Pesquisa aponta os impactos da covid-19 na Economia Criativa. Brasil de Fato, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/10/09/pesquisa-aponta-os-impactos-da-covid-19-na-economia-criativa>. Acesso em: 03 de janeiro de 2022.